

UM PROJETO DE EXTENSÃO EM FOCO

A PRESENÇA DAS JUVENTUDES PERNAMBUCANAS: novas configurações de transmutações

Otávio Luiz Machado¹

Niedja de Lima Silva²

Girleide de Sá Menezes³

Alexandre da Silveira Lins⁴

115

PRODUZINDO SABERES - Estudos Universitários

Introdução

O presente artigo foi construído a partir das experiências desenvolvidas pelos autores nos projetos “Memória das Juventudes Pernambucanas” (Projeto de Extensão financiado pela Proext-UFPE), “Estudos Interdisciplinares sobre Juventude, Democracia, Direitos Humanos e Cidadania” (Projeto de Pesquisa financiado pela Propesq-UFPE) e “Aspectos da Memória das Juventudes Pernambucanas: Novas Configurações e Transmutações (1973-1985)” (Projeto de pesquisa financiado pelo CNPq) na instituição, cuja organização institucional dos projetos ficou definida como Programa sobre Juventudes, Democracia, Direitos Humanos e Cidadania na UFPE.

O que se pretende apresentar no texto são alguns resultados das atividades de extensão, embora fosse sempre difícil separá-las dos projetos de pesquisa, considerando que tratamos do mesmo objeto de estudo ou compartilhamos das mesmas preocupações quando nos referimos às memórias das juventudes pernambucanas.

¹ Pesquisador do Núcleo de Estudos Eleitorais, Partidários e da Democracia da Universidade Federal de Pernambuco (NEEPD-UFPE). Coordenador do Programa sobre Juventudes, Democracia, Direitos Humanos e Cidadania na UFPE. Pesquisador do projeto “Aspectos da Memória das Juventudes Pernambucanas: Novas Configurações e Transmutações (1973-1985)” (financiado pelo CNPq) na instituição. Possui bolsa do CNPq no referido projeto.

² Graduanda em Serviço Social da UFPE. É participante do Projeto “Memória das Juventudes Pernambucanas da UFPE” (Projeto Proext-Bex-Recife). Integrante do projeto “Aspectos da Memória das Juventudes Pernambucanas: Novas Configurações e Transmutações (1973-1985)”. É bolsista da Proext-UFPE.

³ Graduanda em Serviço Social da UFPE. Foi bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de Pernambuco (FACEPE) e participante do Projeto “Memória das Juventudes Pernambucanas da UFPE” (Projeto Proext-Bex-Recife). Integrante do projeto “Aspectos da Memória das Juventudes Pernambucanas: Novas Configurações e Transmutações (1973-1985)” com bolsa da Propesq-UFPE.

⁴ Graduando em Ciência Política da UFPE. Foi participante do Projeto “Memória das Juventudes Pernambucanas da UFPE” (Projeto Proext-Bex-Recife). Integrante do projeto “Aspectos da Memória das Juventudes Pernambucanas: Novas Configurações e Transmutações (1973-1985)” com bolsa da Propesq-UFPE.

A metodologia da pesquisa-ação nos permitiu construir o conhecimento com uma forte interação de pesquisadores, interlocutores, colaboradores, professores e estudantes num esforço único para reconstituir esta história. Como o planejamento do trabalho acadêmico em qualquer área impõe aos sujeitos que descobrem algo uma reflexão contínua sobre o seu objeto, neste sentido a metodologia utilizada auxiliou a intensidade da reflexão.

Para isso, é preciso atentar para a diversidade real e potencial dos jovens, mesmo em um recorte social bem específico. Mais que compor um retrato de uma juventude em geral, a um tempo abstrata e irreal, o principal é promover o levantamento profundo de sua história, incentivando a todo momento a coleta, a preservação e divulgação do que for resgatado e refletido. Os jovens que compõem as diversas juventudes do Estado certamente possuem muito que aprender com a universidade, mas ao mesmo tempo também possuem muito a ensinar aos seus membros, porque conhecem melhor a realidade, por vivenciarem-na em seu dia-a-dia e em sua historicidade.

A criação de uma preocupação permanente com o tema das juventudes no interior de uma das mais importantes universidades públicas do País foi a primeira conquista significativa do Programa, o que pode ser identificado com o alcance de um alto grau de institucionalidade junto às Pró-Reitorias, aos centros acadêmicos e à própria comunidade universitária.

O desafio durante todo o período de execução das atividades não foi apenas no sentido de se criar um ambiente de novos estudos, pesquisas e reflexões por meio da disponibilização de dados de difícil acesso para a sociedade. Foi estabelecido um ambiente favorável para construir um projeto consistente a partir de um grupo de pesquisadores e estudantes de graduação da UFPE, ou seja, um “rapport” positivo entre os membros, o que contribuiu para o estabelecimento de uma relação de confiança, de perseverança e de credibilidade junto à sociedade.

Também não se reduziram os projetos a meros instrumentos de publicações, de eventos acadêmicos e de atividades voltadas especificamente à produção científica, mas se construiu um observatório visando articular interesses em comum dentro de estruturas institucionais paudadas pela interdisciplinaridade e com profundo interesse de construir redes de colaboração de alto interesse público.

Ao chamarmos a atenção sobre a importância da memória juvenil ou promover a sensibilização para o resgate histórico da ampla contribuição dos jovens à sociedade brasileira, acreditamos promover a segunda conquista significativa do Programa, pois fomos convidados a contribuir durante todo o período no sentido de dar suporte e apoio, ou mesmo somar a tantas outras iniciativas que passavam cada um dos nossos projetos.

Ao conseguirmos colocar o tema na ordem do dia da instituição para atender suas demandas internas e externas, acreditamos que a capacidade de diálogo construída no seu interior (em especial) não poderá ser desconsiderada, ou precisará ser mais explicitada, porque, ao mesmo tempo em que trouxemos pessoas para conhecer as atividades e envolvê-las nas mesmas, também contribuimos para tornar a instituição merecedora de sua função pública e do seu papel educativo junto à sociedade.

A terceira conquista foi a criação de um substancial banco de dados, o mapeamento e a digitalização de importantes documentos (manuscritos, depoimentos, fotografias etc.) sobre a temática, incluindo consultoria acadêmica a inúmeros estudos, matérias de jornais e publicações, sem contar que o envolvimento de parcela da juventude, que passou a conhecer as atividades e seus produtos, ficou estimulada, e teve fomentada sua curiosidade intelectual, e ampliada sua própria formação cidadã.

A quarta e última conquista foi o alcance junto à sociedade pernambucana (que ainda precisa de um longo caminho a ser enfrentado), cujas

bases sólidas criadas pelas publicações, eventos, publicização de fontes primárias e a segurança institucional da UFPE, permitirão a promoção de saltos maiores, inclusive com a oportunidade de aproveitamento da estrutura de projetos como o do CNPq e do MEC-SESU (que inicia no final de 2010) para continuar a trabalhar com um pouco mais de profundidade a memória das juventudes pernambucanas.

A busca de uma inter-relação entre o conhecimento produzido pela universidade com a realidade das diversas juventudes pernambucanas é algo construído incansavelmente, pois foi fácil perceber no início das atividades que ainda é forte o interesse das nossas elites em manter as vozes da resistência e das lutas do passado caladas ou esquecidas. Portanto, se considerarmos que os jovens pernambucanos pouco sabem sobre a história da juventude, dos autoritarismos do Estado, da história das instituições e outras mais, logo concluiremos que eles não estão vivenciando um ambiente democrático em sua plenitude. Há setores jovens apáticos, desprovidos de uma base de conhecimento para sua formação política.

Se considerarmos que é dever do Estado assegurar o exercício dos direitos civis, políticos e sociais, conforme a Constituição Federal, então cabe a ele promover o resgate histórico por meio dos seus diversos órgãos, garantindo o acesso e a divulgação visando a tal interesse. Um desses órgãos que precisa atuar nesse sentido é a Universidade Pública.

Então é preciso atentar para a diversidade real e potencial dos jovens, mesmo em um recorte social bem específico: a criatividade de indivíduos e grupos juvenis faz explodir a diversidade das vivências juvenis. Assim, toda a relação social se coloca em termos de comunicação, que vincula sujeito e sociedade. Os sujeitos sentem e se manifestam além das palavras. Cabe, portanto, resgatar todas as 'vozes' que se fizeram presentes

no mundo juvenil e na vida social em Pernambuco ao longo desses períodos.

Os principais resultados obtidos até o momento estão relacionados à formação cidadã de jovens por meio de eventos, cursos e a publicização de informações sobre a história da juventude em livros e artigos, o que consideramos fundamental para uma abertura permanente de diálogo com os jovens visando a trabalhar a questão da formação para a cidadania.

A EXTENSÃO COMO EXPERIÊNCIA FORMATIVA DOS JOVENS

Ao longo de sua história, a UFPE foi inovadora no campo da extensão universitária, considerando que o Serviço de Extensão Cultural (SEC) - que foi criado e teve a coordenação do educador Paulo Freire no início dos anos 1960 - contribuiu decisivamente para a construção de propostas de educação popular e de intervenção social com forte impacto na sociedade brasileira (WEBER, 2007; LIMA, 2007).

A partir da aprovação do projeto "Memórias das Juventudes Pernambucanas" em 2009 pela Proext, o grupo envolvido com a execução das atividades manteve forte interesse em aprofundar as pesquisas existentes, ao mesmo tempo em que construía mecanismos para a difusão e o envolvimento de diversos outros grupos no trabalho, cujo objetivo final era manter uma equipe altamente preparada para atender às novas demandas que surgiam.

Pelo fato de aprovarmos a continuidade desse projeto no edital de extensão do MEC-SESU em 2010 com pareceres extremamente precisos sobre o que vínhamos realizando⁵, então, ao reunir experiências e traçar prognósticos futuros, tornava-se fundamental para o próprio aper-

5 O primeiro parecer traz o seguinte: "Um ponto positivo da proposta é o fato de tratar de um projeto de extensão concebido dentro de um projeto de pesquisa mais abrangente e que tem sido realizado pelos proponentes". O segundo traz o que segue: "Proposta muito bem construída. O tema é bastante pertinente e aglutinador. O projeto pressupõe uma ação interdisciplinar e intersetorial. A experiência da equipe é bastante pertinente ao projeto proposto (...). O projeto está bem fundamentado e conta com uma equipe que já vem desenvolvendo estudos na área faz algum tempo".

feioamento das atividades e das nossas próprias reflexões como extensionistas, o alargamento das nossas preocupações.

Como o projeto se apoia numa perspectiva de extensão defendida por Michel Thiollent (que pensa conter nos projetos sociais mobilizadores uma forte interação entre diferentes agentes que coletivamente buscam produzir, difundir um conhecimento e intervir na sociedade visando à saída para os enfrentamentos dos nossos dilemas sociais), então, identificar problemas, informar os seus participantes devidamente das situações e dos possíveis caminhos para a construção de projetos sociais com densidade e perspectivas inovadoras e factíveis é um longo caminho que precisa ser criado para se gerar os resultados pretendidos.

O projeto visa a repensar a trajetória das diversas juventudes ao longo do tempo, inclusive aproximando os conhecimentos produzidos pelas universidades das experiências e conhecimentos produzidos por outras juventudes em espaços alternativos e pouco visíveis, o que torna possível construir uma visão compartilhada na esfera da produção, de difusão e de ação na sociedade que a própria equipe e demais participantes adquiriram para gerar interação, cooperação, participação e articulação com o objetivo de transformar a sociedade. Acreditamos que o projeto vem conseguindo formar homens e mulheres dentro de uma visão de universidade comprometida em apoiar a luta por reconhecimento social de inúmeros grupos juvenis que são destituídos de visibilidade na esfera pública.

Em uma perspectiva assistencialista, a Extensão Universitária parte para o preenchimento das deficiências sociais não atendidas pelo Estado. Diante disso a Universidade teria três funções: ensino, investigação e prestação de serviços, sendo o foco de diversos grupos sociais.

Longe da visão assistencialista, que é uma visão ultrapassada, de acordo com Jezine (2006), a Extensão Universitária se encontra no mesmo nível do ensino e da pesquisa, desenvolvida

com a perspectiva de socializar o conhecimento, através do atendimento direto à sociedade com a realização mútua de atividades. Foi assim que no Brasil a ideia de levar o conhecimento a setores desprivilegiados deu origem à atividade de extensão na universidade, pois os estudantes defendiam uma universidade aberta e ligada à transformação social.

Tendo o compromisso de formação para a cidadania, a extensão interage e dialoga com a realidade, pois ao trabalhar o conhecimento popular com consciência das reais necessidades da sociedade, as ações são produzidas visando à construção compartilhada da solução de problemas, considerando que a relação sociedade-universidade é uma atividade que deve existir a partir de um diálogo. O resultado será emancipatório ao gerar conhecimento, autonomia e liberdade, pois a extensão é um tipo de projeto de emancipação que visa a promover a superação de obstáculos sociais, culturais ou profissionais, e está ligada a uma trajetória de superação, de dimensões participativas, crítica e reflexiva.

Ocorre verdadeiramente um diálogo, como aponta Freire:

“O conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica dessas relações” (FREIRE, 1977).

Essa “conscientização” permite com que os indivíduos observem a posição que ocupam com os demais no mundo para assumirem o papel que lhes cabe: o de serem sujeitos de transformação.

Os desafios para o entendimento dos fenômenos ligados à multiplicidade das experiências juvenis abarcadas pelo projeto foram a grande dificuldade, considerando que o objetivo inicial foi desconcentrar as memórias das juventudes

universitárias das preocupações dos projetos anteriores, mas mantendo um paralelo com outras juventudes que contracenaram suas experiências em determinados períodos do século XX. Existem diferenças significativas entre a minoria que diríamos privilegiada, universitária e a juventude trabalhadora e habitante de bairros periféricos da cidade de Recife. Os dados coletados e apresentados apontam para uma direção importante nesse sentido.

Inicialmente levantamos boa parte da bibliografia referente ao tema, bem como atualizamos o banco de depoimentos de história oral que existia de pesquisas que haviam sido realizadas anteriormente por pesquisadores na UFPE. Também foi construída uma rede de colaboradores de pesquisa, assim como criadas estratégias de divulgação.

No Seminário “Juventudes Pernambucanas em Perspectiva” foram apresentadas as dinâmicas do projeto, bem como apresentado um quadro inicial dos estudantes existentes e das políticas públicas traçadas no momento, e questionada a forma como as atividades poderiam contribuir para uma maior formação cidadã dos jovens pernambucanos.

Com a presença de pesquisadores, jovens, educadores e do próprio Secretário de Juventude e Emprego do Estado de Pernambuco, o nível dos debates alcançou os objetivos primordiais da proposta apresentada, qual seja a construção de caminhos factíveis para o projeto que ora se iniciava.

Nos projetos de extensão e pesquisa desenvolvidos, quando produzimos a coleta de depoimentos ou entrevistas, os sujeitos sempre verbalizaram os modos de lidar com os jovens hoje e problematizaram sobre as possíveis contribuições que suas gerações deixaram para a sociedade nos dias de hoje (atual ou dos nossos dias). A relação entre as pessoas adultas que narram sobre a sua fase de juventude e enxer-

gam nos jovens de hoje interlocutores válidos ou não, é extremamente positiva, pois falamos de uma relação intersubjetiva permanente entre membro(s) da equipe, tanto com jovens ou adultos que falam de sua juventude.

A percepção de ser ou não “ser jovem” poderá ser observada nas narrativas, no contato face a face com agentes que pertencem ou não pertencem mais ao sentido do “ser jovem”, porque conhecer e pensar sobre esse universo ao longo do tempo significa pensar um pouco as transformações porque passaram a sociedade brasileira. Questões como recuar ou avançar, quais limites e possibilidades para a atuação política e os caminhos percorridos entre os agentes ao longo do tempo podem trazer importantes temas de análise e de problematização.

Os dois grandes resultados em termos de registro histórico do projeto são os livros *Pensamento das Juventudes Brasileiras no Século XX* (publicado pela Editora Universitária UFPE em junho de 2010) e *Memórias das Juventudes Pernambucanas: Um Panorama do Século XX* (no prelo), assim como as diversas informações on-line que se encontram nos blogs construídos exclusivamente para a disponibilidade de dados aos interessados⁶.

Os livros produzidos são uma pequena amostra de que “conhecimento que não decifra a vida e não ilumina o mundo não é conhecimento. É enganação” (ALVES, 1999, p. 3). Pois ao tornar possível o envolvimento de “personagens” significativos e de inúmeros parceiros, por entendermos que a produção do saber é uma construção coletiva, consideramos que o trabalho já está possibilitando um esforço de reflexão sobre as juventudes. Os pesquisadores do futuro possuem agora um guia para novos estudos.

A produção do conhecimento em ciências sociais se justifica pela sua originalidade e pela capacidade de estímulo para que outros pes-

6 A última parte dos blogs pode ser encontrada aqui: <http://movimentosjuvenisbrasileirosparte7.blogspot.com/>.

quisadores estudem e debatam os fenômenos nele contidos, além de sugerir propostas para tentar resolver as questões levantadas: “o objetivo da ciência não é somente aumentar o conhecimento, mas o de aumentar as nossas possibilidades de continuar a aumentar o conhecimento” (ACKOFF, 1975, p. 27).

SOCIOLOGIA DA JUVENTUDE

Após a Segunda Guerra Mundial surgiram diversos movimentos juvenis no mundo, nos quais a luta contra a ordem capitalista e uma forte crítica à burguesia simbolizavam um tipo de contestação à hipocrisia e à ausência de sentido daquele tipo de sistema, ora expressando uma visão de mundo diferente, ora valorizando a natureza e a comunidade.

O período pós-guerra veio trazendo grandes mudanças para a juventude. Com o fenômeno da industrialização, da urbanização ou da modernização, a expansão do ensino já não favorece exclusivamente a classe média, mas abrange os jovens oriundos das camadas desprivilegiadas que conquistaram um maior acesso ao ensino. Nesse momento aparece uma nova preocupação com o nascimento do conflito geracional no qual os jovens se posicionam contra a sociedade adulta; logo a rebeldia juvenil surge causando transtornos familiares e sociais (ABRAMO, 1994).

O tema juventude teve pouco desenvolvimento no Brasil entre as décadas de 60 e 70, cujo espaço maior foi dado às pesquisas sobre a juventude universitária. O campo de lazer e cultura até os anos 80 também não foi explorado em relação a esses jovens, tendo sido de maior interesse da Sociologia analisar o papel da juventude como agente político.

O debate sobre juventude tem sido marcado pela multiplicidade de visões, sendo a mais usual a que trata a categoria juventude a partir de um ciclo biológico e psicológico (faixa de idade, período de vida, mudanças psicológicas etc) (ABRAMO, 1994). Mas no campo da sociologia tem preva-

lecido a visão da juventude como categoria social (GROPPO, 2000; PAIS, 1999; SOUSA, 1999).

Para a categoria juventude precisamos recorrer a noções como transitoriedade (período de preparação para a vida adulta), que está relacionada à ideia de suspensão da vida social, “dada principalmente pela necessidade de um período escolar prolongado, como um tempo para o treinamento da atuação futura” (ABRAMO, 1994, p. 12). Outra noção é a de individuação, na questão da identidade própria, de recusa de valores e normas considerados fundamentais pelos pais; e ainda a importância dos grupos de pares.

Também poderíamos recorrer à noção de crise potencial, ou mesmo de socialização, por que

O destaque do grupo de idade correspondente à adolescência, na sociedade moderna, aparece como fruto do desenvolvimento da sociedade industrial que, ao criar a disjunção entre a infância e a maturidade, tornou necessário um segundo processo de socialização. Esta consiste, fundamentalmente, na preparação dos jovens para a assunção dos papéis modernos relativos à profissão, ao casamento, à cidadania política etc., que os coloca diante da necessidade de enfrentar uma série de escolhas e decisões. Dessa maneira, por ocupar um status ambíguo, *between and betwixt*, os jovens constroem redes de relações particulares com seus companheiros de idade e de instituição, marcadas por uma forte afetividade, nas quais, pela similaridade de condição, processam juntos a busca de definição dos novos referenciais de comportamento e de identidade exigidos por tais processos de mudança (idem, p. 17).

Para a autora, “o interesse da sociologia aqui recaiu sempre, na verdade, sobre o papel da juventude como agente político, sobre sua capacidade de desenvolver uma postura crítica e transformadora da ordem vigente” (idem, p. 21-22). Ou seja, o jovem passou a ganhar visibilidade como sujeito social a partir do momento em que ele era visto como capaz de provocar mudanças por estar situado dentro de uma estrutura de ascensão social que tinha na escola o seu principal canal.

O jovem passou a ser visto como elemento dinâmico na estrutura vigente a partir dos anos 1950, embora a dúvida quanto ao papel protagonista desses jovens também remeta à marginalidade. Todavia o que prevaleceu foi o entendimento da sua inserção no processo de mudança social da sociedade brasileira.

Sabemos que o lugar, o tempo e as condições de vida interferem na juventude e no modo como ela é vista. O fato é que a juventude se constitui tanto como tema de preocupação social quanto como tema da problemática sociológica, pois se tornou objeto de estudo, preocupação de políticas sociais e cobertura institucional por parte do Estado, por se encontrar em uma condição de transição pelo racionalismo e pela alienação, após o processo de modernização desencadeado nos anos 50 (SOUZA, 1999).

Não podemos trabalhar com um conceito único de juventude, mas, com uma multiplicidade de condições juvenis, já que são muitas e diversas as formas sociais de conflito e solidariedade envolvendo os jovens que vivem um momento biológico e social transitório e, portanto, provisório, para o estabelecimento de relações estáveis.

A importância dada ao jovem era pelo fato de este ser considerado um elo entre o presente e o passado. A autora cita que a juventude é como um elo de um tempo para o outro, passado, presente e futuro, no qual a juventude é condutora de conteúdos dos quais depende a própria sociedade; e este elo o jovem tanto faz consigo, como também com a sociedade.

“A juventude, desta forma, é uma relação social que o jovem vivencia” (SOUZA, 1999). Podemos ver que as utopias, os projetos, rebeldias e transgressões são elementos nas relações dessa faixa etária, que por muitas vezes transformaram os problemas que enfrentavam socialmente em conflitos individuais, como cita a autora Janice Souza: “Os conflitos de consciência da juventude são reflexos da complexidade da vida pública moderna.”

A juventude então ligava a sociedade em suas complexidades a uma transformação. Os conflitos eram consequências dessa ligação com a vida pública. Os jovens ora vão, ou não, agir sincronizados com os conteúdos emancipatórios. E o conceito da juventude como elo vai abrir a análise da militância juvenil.

Observando a caminhada juvenil ao longo do tempo, percebemos que a juventude foi colocada em certos períodos da história como protagonista de transformações. Como na Grécia antiga, onde a sociedade tinha conhecimento da importância da juventude, e por isso investiam na educação do jovem para a formação do seu potencial (SOUZA, 1999).

Portanto,

A política entendida como meio de formação de possibilidade da preservação da memória histórica e de negação do esquecimento social que tomou conta da sociedade moderna, distancia-nos de uma visão naturalista de juventude como portadora de uma essência. Ela nos aproxima da idéia de que o poder do jovem está na capacidade de potencializar sua condição transitória.

De acordo com a autora, na militância o jovem pode expressar seus conflitos, dirigir sua ação e exercitar suas ideias. A militância transforma a vida do jovem, contribuindo para a busca de uma solidariedade autêntica, um equilíbrio na relação eu-mundo-projeto. Com isso, o movimento estu-

dantil dá uma dimensão da participação social da juventude, mostrando que, mediados pela política, podem propor conteúdos para uma nova sociabilidade.

O jovem brasileiro não foi diferente dos encontrados nos outros países, eles cooperaram com a sociedade em diversos momentos. No caso brasileiro, os jovens brasileiros se fizeram presentes desde o período colonial, participando de movimentos revolucionários anteriores à independência, campanhas pela abolição e proclamação da república.

Em relação ao caráter classista, a iniciativa foi tomada pelos estudantes operários antes da fundação da União Nacional dos Estudantes (UNE). Com a UNE, a organização dos estudantes adquiriu conotação política, teve uma pauta voltada para as questões nacionais, como a luta contra o analfabetismo, a implantação de siderurgias, e a crítica ao colonialismo, e produziu efeitos sobre a opinião pública.

Isso nos mostra que a participação dos jovens no movimento estudantil tinha como objetivo a transformação da vida dos brasileiros. Inclusive, a partir dos anos 50, os jovens se mantiveram como presença social visível, sendo usados como símbolo ou realidade capaz de regenerar o passado e, assim, criaram espaços para representar suas ideias.

Na década de 60, os jovens que eram inseridos prematuramente no mercado de trabalho e os que ascendiam à educação superior, tinham origem predominante da classe média. Estes radicalizaram seu comportamento político, por verem suas aspirações frustradas, se identificando com as massas populares urbanas e tomando-se o elo de mudança do passado com o futuro da sociedade.

De acordo com Forachi (1982), o movimento estudantil dos anos 60 denunciou a marginalização, a subutilização e o distanciamento das funções da instituição universitária. A autora nos mostra que o estudante se propõe como o libertador da “exploração capitalista”, quando tenta

converter o movimento estudantil em movimento revolucionário.

Com isso, podemos perceber o espaço que a juventude conquistou com a indignação diante dos acontecimentos da década de 60. Suas frustrações os posicionavam em defesa das liberdades democráticas e: “engajavam-se na resistência ao golpe; preparavam-se para a possibilidade de uma guerra civil; abriam o debate para a problemática da universidade; apoiavam todas as reivindicações populares contra a pobreza” (SOUZA, 1999). Mas, nos anos pós-64, ocorreu uma grande repressão ao movimento estudantil com o fechamento de entidades, prisão de lideranças e a extinção da UNE. Assim, o regime militar caracterizou-se como uma experiência de medo.

De acordo com Souza (1999), já não era mais possível um movimento estudantil orientado nos moldes dos anos 60, pelo fato da sociedade estar mudando. Com isso, o movimento estudantil passou a não se reconhecer em um território próprio em virtude da ausência de protagonistas que o assumissem, e do fato do estudante não se ver como uma categoria social, além de não fazer mais sentido dirigir o movimento estudantil com a mesma concepção dos anos 60. Sendo assim, surgem outros atores sociais, marcados por um novo tipo de expressão coletiva, redescobrimos novos modos de intervenção social, sem a representação de partidos, governos e sindicatos. Esses movimentos sociais dos anos 70 vão contestar o Estado pelo difícil acesso às decisões referentes à população.

A autora nos mostra que, assumindo esse outro espaço como seu, uma parte dos jovens passou a questionar o espaço social, assumindo a prática de outros atores sociais e mantendo a condição de elo entre a velha e a nova concepção política. Hoje podemos perceber que as entidades dos estudantes são apenas fantasmas do passado, repetindo a mesma história contra o que seria a sua substância. Existem hoje novos atores, novos movimentos sociais e culturais visíveis, valorizando a liberdade e se mantendo contra as crises da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A universidade pública, gratuita, de qualidade e referenciada socialmente deve ser o ponto de encontro de diversos grupos sociais e o centro de produção de conhecimentos voltados à construção de projetos de sociedade ou de país.

Com essa ideia desenvolvemos as atividades sobre as juventudes abrindo várias frentes, principalmente quando os desafios para o entendimento das juventudes de ontem ou da contemporaneidade traziam como dilemas a tentativa de identificar marcas de espontaneidade, do fragmentado, do não-fechado, do ir-repetível e da diversidade.

A construção de um Programa sobre Juventudes, Democracia, Direitos Humanos e Cidadania na UFPE é um processo calcado por critérios públicos, que busca produzir a visibilidade de todas as juventudes mapeadas nos projetos, pois esperamos ter demonstrado as reais possibilidades de avanço das atividades, embora reconhecendo todos os limites impostos na execução em qualquer instituição.

Ao sairmos com a convicção de que os jovens possam encontrar-se ou reencontrarem-se no nosso Programa, principalmente os que estão mais envolvidos diretamente no rol de atividades que desenvolveremos nas etapas seguintes, concluímos que a relação entre a sociedade e a universidade traz um grau de enriquecimento mútuo, podendo-se inferir que há um ganho relevante para os integrantes das universidades públicas (professores, estudantes ou funcionários), assim como para a sociedade civil que não vivencia o cotidiano universitário. Baseando-se na mesma linha de raciocínio com a qual se constata as vantagens dos projetos de extensão para a academia, pode-se pensar que tanto o conhecimento teórico como empírico podem ser trabalhados em simultaneidade, pois as atividades extra-sala-de-aula constituem, junto a outros fatores, a base fundamental para a sistematização do conhecimento por parte do discente.

Tendo em vista que, à medida que se inicia a vida acadêmica e a consequente vivência no meio universitário, os estudantes que se dedicam às atividades extracurriculares passam a adquirir conteúdos que garantem um nível de conhecimento privilegiado em relação aos jovens que não tiveram essa oportunidade, fomentar o contato dos jovens universitários com outras juventudes significa estabelecer uma relação de cooperação entre os dois grupos em questão, de forma que os estudantes desprivilegiados aumentem sua bagagem teórica e os universitários possam aprimorar seus conhecimentos empíricos, traduzindo-se assim em uma relação de benefícios múltiplos.

No que diz respeito aos elementos procedimentais para o enriquecimento teórico das juventudes, é possível direcioná-los para o intercâmbio proposto entre os jovens e a universidade, de forma que eles adquiram habilidades e competências fundamentais para a construção social do conhecimento. Resgatar as memórias das juventudes e os aspectos históricos contemporâneos ainda vigentes no cenário atual é um dos fatores essenciais para que se possam formar jovens cidadãos. Para tal, as atividades de extensão, entendidas como a contribuição teórica da universidade para estes jovens, compreendem um aporte representativo no que fazemos na instituição.

Com base no que se entende por cidadania e as funções designadas ao indivíduo que o colocam na condição de cidadão, a formação política concerne inerentemente à formação cidadã dos jovens, de forma que ambas sejam constituídas sincrônica e conjuntamente, sendo possível afirmar que os cidadãos possuem o pressuposto da participação política.

A cidadania é um conceito intrínseco à democracia e, *stricto sensu*, remete ao encargo de direitos e deveres de um indivíduo, referentes ao Estado-Nação que os assegura. Em suma, o cidadão possui direitos garantidos pelo Estado e deveres que deve exercer visando a sua plenitude democrática.

A busca de novos horizontes para o nosso campo de conhecimento certamente faz parte das nossas preocupações cotidianas enquanto executores de atividades de pesquisa e extensão na instituição, mas acreditamos que importantes passos foram dados com a produção de uma maior reflexão envolvendo a questão das juventudes, dos direitos humanos, da cidadania e da democracia.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena. *Cenas Juvenis*. São Paulo: Scritta, 1994.

ACKOFF, Russel L. *Planejamento de pesquisa social*. São Paulo: EPU/Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

ALVES, Rubem. “O Rio São Francisco no Paraná”. In: *Folha de S. Paulo*, p. 3, 11 de julho de 1999.

FORACCHI, Marialice Mencarini. *A participação social dos excluídos*. São Paulo: Hucitec, 1982

FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?* Rio de janeiro, Paz e Terra, 1977.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 17a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GROPPO, Luis Antônio. *Juventude. Ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

JEZINE, Edineide. *A crise da universidade e o compromisso da extensão universitária*. João Pessoa: UFPB / Editora Universitária, 2006.

LIMA, Luiz Costa. O contexto da Universidade do Recife do início dos anos 1960 até o golpe de 1964. In: Otávio Luiz Machado & Michel Zaidan (orgs). *Movimento Estudantil Brasileiro e a Educação Superior*. Recife: Editora UFPE, 2007, p. 41-46.

MACHADO, Otávio Luiz. “O estudo do movimento estudantil brasileiro: um debate sobre esquec-

imentos, celebrações, reflexões, comemorações e contra-comemorações”. *Cadernos da Revista de História Económica e Social*, v. 3, p. 1-9, 2007.

PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1993.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. *Reinvenções da Utopia: a militância política nos anos 90*. São Paulo: Hacker, 1999.

THIOLLENT, Michel. “Notas Para o Debate Sobre Pesquisa-Ação”. In: *II Conferência Brasileira de educação*, Belo Horizonte, junho de 1982.

_____. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

_____. “Maio de 1968 em Paris: testemunho de um estudante”. In: *Tempo Social*, São Paulo, 10 (2): 63-100, outubro de 1998.

_____. “A metodologia participativa e sua aplicação em projetos de extensão”. In: *Anais do III Sempe – Seminário de Metodologia de Projetos de Extensão*, 1999, São Carlos. *Mimeo*.

WEBER, Silke. “A educação como foco de projetos político-sociais em Pernambuco”. In: Rita de Cássia Araújo e Túlio Velho Barreto (orgs). *1964: o golpe passado a limpo*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2007, p. 115-135.

ZAIDAN, Michel & MACHADO, Otávio Luiz (orgs.) *Movimentos Juvenis na Contemporaneidade*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008.